

PETER BURKE¹

por Béata Cieszynska²; José Eduardo Franco³; Maurício Ieiri⁴
transcrição e tradução de Inês Mendes Paéz

Ao longo de uma interessante conversa com Béata Cieszynska, José Eduardo Franco e Maurício Ieiri, em Cambridge, Peter Burke regista um importante testemunho no que respeita ao seu pensamento sobre a cultura, a ciência, a história e o futuro destas disciplinas. Reconhecido professor do Emmanuel College, Burke tem traçado o seu caminho de investigação desde a *early modern history* até à Modernidade, enfatizando a importância que a história cultural e social têm para a compreender. Este reputado mundialmente especialista em História da Cultura revela-se aqui um paladino vigoroso da interdisciplinaridade, sobre a qual tem produzido reflexão teórica importante.

1. BÉATA CIESZYNSKA: Enquanto aqui estamos no solo antigo e tradicional deste College de Cambridge – dado que é um académico do Emmanuel College – gostaríamos de perceber melhor a sua pesquisa e a carreira pedagógica que lhe proporcionaram largos horizontes de conhecimento e compreensão da cultura europeia. Foi através de diferentes universidades que até aqui se identificou – a Universidade de Oxford, a “School of European Studies” da Universidade de Sussex e depois Cambridge. Gostaria de comentar esta trajectória de um historiador de cultura do início da era Moderna que encontra o seu lugar entre as universidades tradicionais e recém-formadas?

PETER BURKE: Eu estudei em Oxford onde recebi uma boa educação tradicional na arte da História, mas pouco encorajamento para explorar outras disciplinas. Foi porque comecei a interessar-me por sociologia e outras áreas que me senti atraído pela nova Universidade de Sussex, para onde, em 1962, concorri com sucesso, antes mesmo de ter terminado de escrever a minha dissertação de doutoramento. Então mudei-me da universidade mais antiga da Grã-Bretanha para a mais nova, [o que foi] um choque cultural, mas estimulante, uma sensação de liberdade graças à ausência de tradição. Eu lembro-me de pensar “o que fizermos vai tornar-se tradição”. Lecionar disciplinas comuns com outros colegas nas áreas de literatura e sociologia foi uma outra educação para mim, e dar

¹ Texto originariamente publicado na *Revista Letras Com Vida* – Literatura, Cultura e Arte do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em seu número 4, referente ao 2º. Semestre de 2011, nas páginas 11 a 17. Material gentilmente cedido, mediante autorização da direção da revista, para publicação no Brasil, nos Cadernos de História da Educação, por especial cortesia, a partir de comunicação de seu coordenador editorial, Prof. Dr. José Eduardo Franco, da Universidade de Lisboa, com intermediação do Prof. Dr. Norberto Dallabrida, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

² Doutorada em Estudos Literários pela Universidade de Gdansk, Polónia. Trabalha como Investigadora no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no qual coordena o Grupo de Investigação Interculturalidade Ibero-Eslava. E-mail: clepul@fl.ul.pt; b_ciesz@poczta.onet.pl

³ Doutorado em História e Civilizações pela *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, França. Diretor do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: joseeduardofranco@gmail.com

⁴ Mestrando em História dos Descobrimentos e da Expansão na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa. E-mail: clepul@fl.ul.pt

a minha primeira palestra universitária sobre Freud foi uma experiência interessante para um historiador do início da Idade Moderna. Trabalhar na “School of European Studies” ajudou-me a tornar-me um bom especialista em Estudos Europeus. Deixar Sussex por Cambridge foi uma espécie de choque cultural ao revés, mas provavelmente bom para mim porque, em vez do apoio dos colegas para projectos interdisciplinares, eu encontrei crítica, por isso tive de me tornar mais auto-crítico a fim de defender a minha posição.

2. BÉATA CIESZYNSKA: Como professor experienciou uma espécie de mudança nos seus interesses profissionais, além dos detalhes técnicos. Poderia descrever mais aspectos deste processo metodológico? Por exemplo, quando se interessou pelo Renascimento, já tinha a consciência de que a sua anterior pesquisa se tornaria numa das directrizes principais da actual ideia de contemporaneidade?

PETER BURKE: Quando eu comecei a trabalhar sobre o Renascimento, eu via-me como um especialista do início da Idade Moderna, que eu tinha estudado intensamente nos meus anos em Oxford, primeiro como aluno de curso e depois quando comecei a minha tese de doutoramento em historiografia europeia (1500-1700). Ao longo da minha carreira como professor fui responsável pela disciplina de História Europeia (1500-1700). Quando me reformei, contudo, senti uma espécie de libertação, uma percepção de que não tinha de me confinar a um período, mas podia seguir um problema aonde ele me levasse. De qualquer modo, e após escrever sobre a Idade Moderna por um período de 40 anos (1964-2004), eu temia repetir-me, e trabalhar numa época posterior evitava esse risco.

3. BÉATA CIESZYNSKA: E isso levou-o por exemplo ao seu estudo “Da Encyclopédie à Wikipedia” (uma rara oportunidade para percepção sobre a história social do conhecimento até hoje)?

PETER BURKE: Sem dúvida, tendo publicado um livro sobre a história social do conhecimento, de 1450 a 1750, decidi escrever um segundo volume, de 1750 a 2000. Espero que abordando o mundo moderno-contemporâneo a partir de trás, como fiz, me tenha permitido reparar em coisas que possam escapar aos especialistas do século XIX e XX.

4. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Certamente! Baseando-se numa experiência tão vasta e num novo foco de investigação, como resumiria os diferentes factores que condicionam o trabalho do historiador no tocante à cultura do início da era Moderna e do mundo moderno e contemporâneo?

PETER BURKE: Quando fiz a mudança (temporária ou permanente, ainda não sei) de deixar de escrever sobre o início da Europa moderna para escrever sobre o Brasil do século XX, o contraste que mais notei foi a possibilidade de um contacto mais directo com o passado, no segundo caso, a abundância de fontes, a facilidade relativa de me imaginar no lugar das pessoas a serem estudadas e a oportunidade de falar com testemunhas vivas.

5. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Como suplemento da pergunta anterior, nos também gostaríamos de lhe perguntar qual a sua visão das actuais limitações do conceito de interdisciplinaridade em História. Até que ponto o excesso de metodologias traz confusão, escurecendo e fragilizando os campos epistemológicos outrora tradicionais, as disciplinas clássicas de conhecimento?

PETER BURKE: Eu tenho uma visão muito mais positiva do que se subentende na sua pergunta acerca de interdisciplinaridade, que tenho vindo a praticar há cerca de meio século. As disciplinas são construções socioculturais (ou por vezes administrativas), o número e as fronteiras entre elas mudam ao longo do tempo. A falta de tempo impede-nos de dominá-las a todas, mas quando trabalhamos num problema não devíamos permitir que as barreiras actuais entre disciplinas nos atrapalhassem. Como poderia alguém escrever sobre História Económica sem saber algo de Economia? Como pode quem quer que seja escrever acerca do Renascimento sem ter estudado História de Arte, História Literária etc., assim como História “simples” ou “geral”? No que diz respeito a métodos, eles deveriam ser determinados pelos problemas que queremos trabalhar, não por um rótulo de disciplina. Quanto ao “excesso”, apesar de a palavra “interdisciplinaridade” estar muito na moda, na prática não vejo tantos académicos a trabalharem deste modo!

6. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Então, interdisciplinaridade bem aplicada enquanto se mantêm as fronteiras estritas de cada disciplina?

PETER BURKE: Tal como o psicólogo polímato Donald Campbell, faço o meu melhor para lutar contra o que ele chamava “o etnocentrismo das disciplinas”. Isto não é para negar a existência de qualificações especiais tais como [as necessárias para] a filologia, a paleografia, a crítica das fontes, a leitura crítica e por aí fora: mas é para sugerir que nenhuma disciplina monopoliza estas competências e também que é possível adquiri-las fora do mundo académico.

7. BÉATA CIESZYNSKA: Sim, mas Campbell procurava “uma multi-ciência abrangente, integrada”. Iria tão longe nas suas aspirações pela evolução da ciência?

PETER BURKE: Sim, apesar de este ideal poder apenas ser realizado colectivamente, pois há demasiado para um só indivíduo saber. No entanto, ainda existem alguns polímatos, apesar de se poder descrever um polímato como uma espécie em vias de extinção na nossa era de especialização. Um ótimo exemplo é Jared Diamond, um americano com formação em Fisiologia, que estudou Ornitologia, que o levou à Ecologia e daí à Geografia e História e daí a [escrever] livros como *Guns, Germs and Steel* e *Collapse*.

8. JOSÉ EDUARDO FRANCO: E no tocante às relações actuais entre História e outros campos do saber, como por exemplo, a Literatura – acha bem (e possível) preservar a fronteira entre estas duas disciplinas?

PETER BURKE: Como eu disse anteriormente, as fronteiras são simplesmente assuntos de conveniência, geralmente da conveniência dos administradores universitários. Não os devíamos levar a sério, precisamos de evitar a “polícia de fronteiras”. Como um historiador do Renascimento, eu pensava que Maquiavel era parte do meu campo, mas ao mesmo tempo ele era parte do campo dos alunos de Literatura ou Política. Falando de modo genérico, os estudantes de História e Literatura vão olhar para o mesmo texto de modo distinto graças à sua formação diferente, mas eu conheço historiadores que fizeram observações pertinentes sobre metáforas num dado texto, enquanto, por exemplo, especialistas literários escreveram bem sobre contextos culturais!

9. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Regressando ao que disse anteriormente. Poderia discorrer mais sobre essa possibilidade de se adquirir “qualificações especiais” fora do mundo acadêmico? Está a referir-se a jornalistas? Como se sente acerca do futuro da História face à agressividade contemporânea do jornalismo e dos jornalistas, das confusões metodológicas e dos seus perigos face à História tradicional, especialmente quando se observa, por um lado, jornalistas a escrever sobre os eventos presentes como História e, por outro, o jornalismo sobre História. Onde está o limite entre ambos os géneros? Como pode a História sobreviver?

PETER BURKE: Claro que há maus jornalistas tal como há bons, mas eu vejo os bons como aliados e penso nas suas qualificações especiais como tendo um valor inestimável no estudo do passado recente. Eu admiro historiadores que também trabalham como jornalistas (como Timothy Garton Ash, que se auto-denomina como “historiador do presente”), alguns jornalistas que também escrevem história (como Andrew Marr), ou antigos jornalistas que se tornaram historiadores universitários (como Peter Hennessy). Será isto uma coisa tipicamente inglesa ou haverá paralelos noutras países?

10. BÉATA CIESZYNSKA, JOSÉ EDUARDO FRANCO E MAURÍCIO IEIRI: Sim, podemos confirmar trajetórias semelhantes no círculo dos membros e colaboradores do nosso centro CLEPUL, em Portugal, e noutras países, mas é bastante raro, o mais comum parece ser o oposto, historiadores a cultivarem o jornalismo.

PETER BURKE: Sim, eu conheço muitos historiadores que são convidados para escrever para semanários e até jornais diários numa base regular. Eu próprio o fiz por quinze anos, na coluna de domingo “Caderno Mais!”, da *Folha de São Paulo*, onde escrevia mil palavras cada dois meses sobre qualquer assunto à minha escolha. O desafio era escrever para uma audiência muito mais vasta do que a que lia os meus livros e também escrever para um público brasileiro – eu escrevia em inglês e alguém traduzia, mas eu precisava de imaginar o que era do conhecimento e o que era do interesse do Brasil, especialmente de São Paulo.

11. MAURÍCIO IEIRI: E existem mudanças mais recentes – computadores pessoais, o progresso tecnológico tem sido amplamente celebrado pela sua contribuição para a História. Acha que a quantidade vastíssima de fontes digitais disponíveis aos

investigadores de todas as nacionalidades tem um impacto na historiografia? Poderá a tecnologia rescrever a visão historiográfica dos eventos, tal como acontece nas redes sociais? Poderá o contacto entre historiadores através da internet mediar a troca de dados, biografias e discernimento?

PETER BURKE: O aumento das bases de dados tornou a investigação nalguns campos consideravelmente mais fácil, enquanto que os contactos internacionais entre pessoas que trabalham em tópicos semelhantes se tornaram incrivelmente mais rápidos e mais frequentes, graças ao e-mail, incluindo a troca de artigos e de correspondência. Eu tenho estado a escrever um livro, uma história da historiografia, juntamente com um colega de Espanha e outros dois do Chile, e a tarefa teria sido muito mais difícil e lenta se não existissem computadores pessoais e e-mail!

12. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Sim, todos concordamos com os aspectos convenientes da aproximação tecnológica. Mas existe também a questão dos “meios e *media*”. Qual é o futuro da História: ser escrita em livro, no formato clássico do codex ou, dada a esmagadora comunicação na internet, sob a forma de um hipertexto? Será isso um indicador de uma revolução inevitável na historiografia?

PETER BURKE: Eu acho que podemos aprender com a História. Depois da invenção da impressora a comunicação manuscrita não desapareceu. Foi sendo estabelecida gradualmente uma divisão do trabalho entre os dois *media*. Eu acho que é mais provável ser este o caso actual quando os *media* electrónicos competem com os *media* do papel. Os historiadores vão aprender gradualmente (já começaram) a apresentar o seu material de modo diferente, dividindo-o em unidades mais pequenas e adequadas para leitura no ecrã, com mais imagens, etc.

13. BÉATA CIESZYNSKA: Como leitores do seu excelente estudo “New Cultural History”, nós gostaríamos de lhe perguntar a sua opinião acerca das potencialidades e das limitações inerentes à descrição da história da humanidade através da cultura ou de acções culturais. Poderá esta ser descrita plenamente nestes termos?

PETER BURKE: Num sentido lato de cultura (incluindo a cultura material, política, etc), poder-se-ia oferecer uma descrição completa da história da humanidade em termos culturais. Utilizando um sentido mais estrito de cultura, seria necessário complementar uma abordagem cultural com outras (económica, social, política).

14. BÉATA CIESZYNSKA: É conhecido por ser um dos primeiros historiadores a olhar para a história do cidadão comum, analisando cuidadosamente todos os níveis e os grupos do período inicial das sociedades Modernas. Compararia a cultura popular do Renascimento e a “cultura de massas” posteriormente desenvolvida?

PETER BURKE: As comparações precisam de ser acompanhadas de contrastes. Nalguns aspectos a cultura popular do início da Era Moderna era muito diferente da cultura de

massas actual. Era muito mais “faça-o você mesmo”, dado que os aldeões, por exemplo, raramente tinham oportunidades de ver ou ouvir artistas profissionais. Era muito mais local. Mas há alguns paralelos, tanto na forma como na função e até nalguns temas, entre os *mass media* de hoje, tal como a televisão, e as impressões baratas do início da Idade Moderna (os folhetos, a literatura de cordel).

15. BÉATA CIESZYNSKA: Outra possível comparação: quando descreve o Renascimento como um movimento e não como um período, enquanto tal, será que isso não suporta comparações inevitáveis com os nossos tempos modernos e a Modernidade?

PETER BURKE: Na realidade, eu tento evitar o termo “moderno”, pois tem demasiados significados, confunde mais do que esclarece. No século XIX assumia-se que a Modernidade tinha começado um pouco antes de 1500, com o Renascimento, a Reforma, Gutenberg, Colombo etc. Foi neste contexto que Burckhardt chamou ao Renascimento o início da Modernidade. Quando os historiadores começaram a ver as Revoluções Francesa e Industrial como o início do mundo moderno, precisaram de distinguir duas modernidades, daí o termo auto-contraditório “início da Era Moderna”. Agora precisamos de uma terceira ou mesmo quarta Modernidade para falar das mudanças que aconteceram desde 1900!

16. MAURÍCIO IEIRI: O trabalho de E.P. Thompson “Customs in Common: Studies in Traditional Popular Culture” mostra como a própria noção de tempo pode ser alterada através da tecnologia. Thompson dá como exemplo a mudança do tempo rural, medido pelo crescimento das colheitas, pelos elementos naturais, como a altura do sol e o vento a soprar em determinada direcção, para os tempos de trabalho, os tempos da fábrica e do relógio. Fernand Braudel fez o mesmo com os tempos de navegação, estimativas de entrega de pacotes e de notícias, construindo uma relação entre os *media*, transportes e o tempo que leva às notícias a chegarem de um ponto A até um ponto B. Historicamente, acredita que a tecnologia pode mudar a concetualização temporal do homem?

PETER BURKE: Sim, a tecnologia é um dos fatores que muda a nossa percepção do tempo, como muitos universitários antes e depois de Braudel e Thompson reconheceram. De qualquer modo, vemos outra mudança acontecer à nossa volta agora, que cartas que há trinta anos atrás poderiam demorar uma semana até ao seu destino são enviadas por e-mail num segundo!

17. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Os modelos de História anglo-saxão e francófono podem hoje ser facilmente comparados? Aceita isto, e se sim, qual é o seu ponto de vista sobre a questão e a sua possível trajetória dentro da União Europeia?

PETER BURKE: Há de facto diferenças culturais na historiografia em diferentes países e o contraste entre os modelos anglófono e a francófono é um bom exemplo (apesar de o modelo anglófono vir em pelo menos duas variedades, o britânico e o americano, com

importantes diferenças entre os dois). Noutros países, como Espanha, os historiadores têm procurado uma “terceira via” entre os dois (ou, mais concretamente, entre a tradição marxista, empirista, inglesa e a tradição francesa dos Annales), na esperança de que esta “terceira via” pudesse emergir da sua tradição nacional. Eu assumo que haja um declínio na diferenciação dos modelos nacionais no futuro. Isto poderá levar à homogeneização, mas espero que não: diferentes abordagens trazem diferentes percepções. Alternativamente, poderemos assistir a uma situação de pluralismo, com universitários a fazerem individualmente as suas escolhas entre modelos. O processo de facto já começou: eu comecei por me interessar pelos modelos franceses há mais de cinquenta anos! Os ingleses vêem-me como um convertido ao modelo francês, mas os franceses não!

18. BÉATA CIESZYNSKA: O nosso centro de investigação, CLEPUL, faz tentativas sistemáticas, mais recentemente com o congresso “Ordens e congregações religiosas em Portugal”, em novembro de 2010, para rever a História do ponto de vista dos cruzamentos importantes das matérias políticas com os movimentos religiosos. Qual é a sua opinião sobre o seu papel no início da Era Moderna e na cultura actual?

PETER BURKE: Religiões e movimentos religiosos são obviamente importantes no início da Era Moderna na Europa. São muito menos importantes na Europa atual, especialmente no topo, onde as decisões políticas são tomadas, e também em alguns países ao nível popular, mas não nos podemos esquecer da importância do Islão e do Pentecostalismo cristão na Europa de hoje, sobretudo entre os imigrantes recentes.

19. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Outra opinião sua que gostaríamos de saber prende-se com a classificação do mundo contemporâneo. O que pensa de conceitos como “Modernidade” e “pós-Modernidade” ou “pós-Modernismo”? **BÉATA CIESZYNSKA:** Da sua perspectiva poder-se-ão atribuir algumas características [à Modernidade] como “líquida”, “hiper-”, “real/verdade”, “pós-” etc.? Como vê estes conceitos da modernidade: adequados ou ilusórios e temporários?

PETER BURKE: Eu acho útil distinguir pós-Modernismo (um movimento ao qual uma pessoa pode aderir ou não) da pós-Modernidade, por outras palavras, a condição humana no final do século XX e o início do século XXI, da qual não se pode escapar. Eu gosto bastante da linguagem do “pós” porque descreve quer o poder da tradição quer o desejo de se escapar da tradição. Por isso, por exemplo, eu penso no Renascimento como num movimento “pós-medieval”. Liquidez também me parece um conceito útil: pelo menos a consciência de que aquilo que uma geração anterior pensava como fixo ou rígido (nações e classes sociais, por exemplo) vê-se melhor como sendo suave ou fluído. Até um limite: o risco actual é a ilusão de que os constrangimentos económicos, sociais, políticos ou culturais não existem e de que os indivíduos podem fazer pouco mais do que uma pequena diferença se tentam mudar o sistema. A popularidade da palavra “invenção”, especialmente a invenção de países, desde a Escócia à Argentina, ilustra essa ilusão bastante bem. Em breve, como acontece frequentemente quando uma geração sucede à outra, nós passamos de um extremo ao outro, de determinismo para voluntarismo, sem uma pausa pelo meio!

20. BÉATA CIESZYNSKA: É frequentemente visto como um autor que está a tornar evidente o processo de “ocidentalização da Europa e do mundo”. Como vê este conceito enquanto uma espécie de herança legada às sociedades contemporânea e futura? Por exemplo, o nosso Centro está de momento a promover activamente os estudos sobre os cruzamentos ibero-eslavos, os contactos e as comparações – poderá isto ser um momento de viragem para uma investigação futura?

PETER BURKE: Claro que há uma tendência para a ocidentalização do mundo, mas como é costume na História existe uma contra tendência. A invasão do “resto” [do mundo] pela cultura ocidental é combinada numa escala menor pela invasão cultural da Europa. Eu acabei de mencionar a religião. A cultura culinária é outro exemplo óbvio – o prato preferido dos ingleses, segundo uma sondagem recente, já não é peixe com batatas fritas mas curry com batatas fritas! Um prato híbrido ligado ao nosso passado imperial assim como à globalização. O intercâmbio cultural tornou-se um tópico central de investigação em muitos países, o seu Centro é parte desta tendência, apesar da escolha de ibero-eslava revelar mais originalidade. Como no século XIX o historiador polaco Lelewel, eu vejo algumas semelhanças (a Rússia e Espanha estão nas margens da Europa, próximas do mundo do Islão), mas quão intenso tem sido os contactos [entre a Ibéria e os países eslavos]?

21. BÉATA CIESZYNSKA: Sim, esta perspectiva têm provado ser frutífera; muitos novos projectos de investigação se iniciaram para preparar respostas adequadas sobre os contactos e comparações ibero-eslavas. A nova Europa oferece novas oportunidades para a sua reavaliação... **JOSÉ EDUARDO FRANCO:** Neste contexto, qual é a sua percepção sobre a União Europeia enquanto projeto, do ponto de vista de um historiador da Cultura, e também qual o seu futuro, no decurso da globalização?

PETER BURKE: Da perspectiva de um historiador da cultura, os Euro-políticos estão com demasiada pressa. A cooperação económica não é difícil de estabelecer a curto prazo, mas para uma verdadeira união é necessário esperar gerações, até mesmo na nossa idade de “aceleração da história”. Os historiadores culturais têm uma tarefa aqui, não necessariamente de encorajar a união, mas de ajudar as pessoas em diferentes países europeus a perceberem-se mutuamente e as suas diferentes tradições.

22. JOSÉ EDUARDO FRANCO: Uma outra perspectiva e um projecto de investigação nosso é procurar caminhos possíveis para olhar e discutir os componentes negativos da Cultura, por exemplo, o resultado, os progressos e regressões de vários movimentos anti(s), ou seja, as tensões entre conceitos de tolerância e coexistência, determinações culturais, falta de intolerância *versus* sociedades tradicionalmente intolerantes etc. Um dos novos projetos do nosso Centro, CLEPUL, em cooperação com a Universidade do Minho e a Universidade de Paris II, é um congresso internacional: “Cultura(s) em

negativo: “Antis” nos mitos e na mudança social”, planeada para 2014. Considera que uma proposta metodológica deste género pode ser frutífera quer de uma perspectiva europeia quer no resto do mundo?

PETER BURKE: O estudo da cultura necessariamente envolve o consenso (dentro de uma dada comunidade) e o conflito (com outras comunidades), mesmo se o aparente consenso esconder um certo grau de conflito e o aparente conflito esconder um certo grau de consenso! Nós precisamos de trabalhar quer nos “prós-“ quer nos “antis-“. Eu acho boa a ideia do seu congresso, apesar do título não ser de fácil compreensão – teria muito mais reacções se chamasse ao seu congresso “choque de culturas” ou algo do género.